

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

**POR TRÁS DO VAZIO:
VIVÊNCIAS E VULNERABILIDADES PSÍQUICAS NA OBRA *PONCIÁ VICÊNCIO*
DE CONCEIÇÃO EVARISTO (2017)**

MILENNY HELLEN TELLES DA SILVA

**RIO DE JANEIRO
2025**

MILENNY HELLEN TELLES DA SILVA

**POR TRÁS DO VAZIO:
VIVÊNCIAS E VULNERABILIDADES PSÍQUICAS NA OBRA *PONCIÁ VICÊNCIO*
DE CONCEIÇÃO EVARISTO (2017)**

Monografia apresentada como pré-requisito para a conclusão do curso de graduação Licenciatura em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mariana Patrício Fernandes.

RIO DE JANEIRO

2025

FOLHA DE AVALIAÇÃO

MILENNY HELLEN TELLES DA SILVA (DRE: 119020539)

**POR TRÁS DO VAZIO:
VIVÊNCIAS E VULNERABILIDADE PSÍQUICAS NA OBRA *PONCIÁ VICÊNCIO*
DE CONCEIÇÃO EVARISTO (2017)**

Monografia apresentada como pré-requisito para a conclusão do curso de graduação Licenciatura em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Nota: 10

Data da Avaliação: 14/01/2025

Prof^ª. Dr^ª. Mariana Patrício Fernandes (Orientadora)

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Felipe Wircker

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Lúcia e Marcelo Mattos, sem os quais nenhuma conquista teria sentido, por construírem um lar para onde eu possa e queira voltar após cada vôo alçado. O meu diploma é também de vocês.

Aos meus irmãos, Ana Lúcia, Marcelly Quiroga e Samuel Luís, que dividiram o quarto e a vida comigo. Se de alguma forma minha empreitada inspirar pelo menos um de vocês, todo o esforço terá valido à pena.

Às amigas que fiz no caminho, nomes que deixariam este texto muito extenso, mas que sabem o valor que têm em minha vida, cujas presenças me fizeram sã nos últimos 6 anos.

À Julia Fernandes, Cláudia Fernandes, Cidinea Velloso, Maria Julia dos Santos e Magda Márcia, mulheres que me ensinaram a força e a leveza da empatia e gentileza. Essas que são minha família longe de casa, jamais poderei agradecer o suficiente pelo que fizeram e fazem por mim.

À professora dra Mariana Patrício, pelo tempo e paciência dedicados em me acompanhar na empreitada que foi este trabalho, cujas aulas fizeram meu olhar para a literatura mudar. Obrigada por orientar-me da maneira mais dedicada possível.

À Gabriella Paiva, Laura Brandão e Marianna Benedito, pela presença e apoio em meus momentos mais difíceis e por me ajudarem a encontrar o caminho de volta quando me perco.

Ao Clube de Regatas do Flamengo, por me ensinar que a glória está em lutar.

À literatura, que sempre me acompanhou em meus trânsitos pela cidade, que me levou a alçar vôos jamais imaginados e ousar sonhar novos futuros, de novo e de novo. À ela que fez de mim Ponciá, inquieta, pegando um trem para longe, e preenche os vazios deixados por esse caminho. À essa que sempre me salvou, quando nada mais o pôde, quando pensei perder os sonhos e a mente. À ela, a minha devoção, sempre.

E, por fim, aos que lerem este trabalho: Se um dia precisarem ter fé em algo, que seja na literatura.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as figurações do vazio na obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo (2017). Para tanto, observa-se a trajetória da personagem homônima, desenhada no romance, do campo à cidade, evidenciando as vivências coletivas e sociais que a atravessam enquanto mulher negra e periférica e a relação dessa experiência com a sensação de vazio explorada na obra. Buscando aproximar o vazio em Evaristo ao *abismo*, conceito cunhado por Glissant na *Poética da relação* (2021), e associando esse atravessamento à experiência traumática do racismo, conforme as contribuições de Grada Kilomba (2020), a análise busca promover, a partir da escrivência de Conceição Evaristo (2020), uma reflexão crítica acerca dos impactos psicológicos do racismo e das vulnerabilidades psíquicas as quais a estrutura social, permeada pela perpetuação do racismo, submete indivíduos negros até os dias atuais.

Palavras-chave: Ponciá Vicêncio; vazio; Conceição Evaristo; trauma.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Entre a barca e a herança: O vazio e o trauma.....	9
3. Figurações dos vazios.....	20
a. A criança e os vazios.....	21
b. A cidade como promessa e os vazios.....	23
c. O gênero e os vazios.....	28
4. O vazio e o adoecimento psíquico.....	32
5. Considerações finais.....	41
6. Referências Bibliográficas.....	42

1. Introdução

Em uma entrevista ocorrida no evento Fliparacatu: 1º edição, Conceição Evaristo (2023) pontua que “A nossa memória como um povo diaspórico é constituída de vazios.” Dessa maneira, as rupturas ocasionadas pela diáspora expandem-se para todos os campos que constituem a identidade do indivíduo negro, inclusive sua memória, gerando lacunas por ter sua história e origem rompidas ao serem impactados pela colonização, o que faz com que o traçado entre memória e esquecimento seja muito tênue. Para a autora, é justamente nesse vazio que reside o processo criativo da ficção, entre a memória e o esquecimento, pois “A ficção entra justamente para cumprir, para apagar esse vazio.” (2023) Nesse cenário, o ato de escrever irrompe como transformação desse vazio deixado pela diáspora. O relato da escritora aproxima-se da experiência narrada por Grada Kilomba ao escrever *Memórias da Plantação: episódios cotidianos de racismo*: “Escrever este livro, foi de fato, uma forma de transformar, pois aqui eu não sou a “Outra”, mas sim eu própria. Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político.” (2020, P. 22) Assim, a escrita dessa natureza tem o coletivo como fator excruciente, ao imprimir no ato de escrever a partir da coletividade o preenchimento desse vazio.

“Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha.” (Evaristo, 2020, p. 35)

Compreendendo a escrita como um ato de descolonização, “no qual quem escreve se opõe a posições coloniais” (Kilomba, 2020), a escrita de Evaristo emerge ocupando um lugar que surge a partir da coletividade, ao mesmo tempo não separando-se da subjetividade da própria vivência. Através da escrevivência (Evaristo, 2020), conceito cunhado pela autora, Evaristo apropria-se da letra e da escrita como algo que não é apenas particular, buscando inscrever no mundo sua existência e dos seus ao explorar, através da escrita, as vivências coletivas. Dessa maneira, no prefácio da 3ª edição de *Ponciá Vicêncio* (2017), aponta o processo de criação da obra como um processo pessoal e doloroso ao citar: “Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso.” (Evaristo, 2017) A intimidade da escrita

de Conceição com uma experiência coletiva e social expõe-se, assim, na obra, imprimindo uma natureza crítica e sensível que permite aprimorar os olhares para o mundo ao inclinar-se sobre seus aspectos, rumo que pretende-se seguir neste trabalho.

A história de Ponciá Vicêncio, personagem homônima, dentre tantas rupturas e ausências, é permeada por um elo entre passado e presente, no qual o vazio reside. A obra acompanha a personagem-título, seguindo seus afetos, sensibilidades, perdas e ausências, da infância até a vida adulta. Ponciá Vicêncio, neta de escravizados e residente, com a família, do mesmo povoado de seus ancestrais desde que nascera, resolve, em um súbito inquietamento e desespero com a perspectiva de perpetuar a história de dor e exploração dos seus, mudar-se para a cidade grande em busca de melhores condições de vida. Sozinha, faz esse trajeto com um objetivo claro: trabalhar para comprar uma casinha na cidade e voltar para buscar seus familiares. Assim, a história é narrada em idas e vindas do tempo presente, sua vivência da juventude até a vida adulta na cidade, e do tempo passado, aquele que vivera no povoado com sua mãe e irmão, os quais ainda pretende buscar, e pai e avô, já falecidos à altura de sua vida adulta. Esse ir e vir acompanha o movimento que passa a ocorrer, durante a narrativa, com Ponciá, afetada pelos vazios e aproximando-se de condições que assemelham um adoecimento psíquico, após uma vida de explorações, dores e ausências, que faz com que a personagem sofra um súbito ausentar do tempo presente, vivendo, através da memória, o tempo passado, sem sair do lugar. Com um olhar sensível da narrativa para as vivências permeadas pelas condições sociais que cercam Ponciá, vemos ainda um elo entre a personagem e seu avô, Vô Vicêncio, que se dá pela parecença entre ambos, em trejeitos e na maneira de olhar e perceber o mundo, permeado pela promessa de uma herança que foi deixada para neta. Herança essa que compreende-se como a perpetuação de uma condição social e psicológica, pois Vô Vicêncio, assim como ocorre futuramente com a neta, apresenta os sintomas e concretização de um adoecimento psíquico, permeado em ambos os casos pela presença dos vazios em seu interior.

Assim, os vazios tornam-se presentes no decorrer da narrativa, surgindo principalmente como sentimento gerado no interior de Ponciá, a partir das ausências e perdas que sofre durante toda a vida. Seja no ausentar-se de sua família ou na frustração de seus sonhos na cidade, os vazios a seguem, produzindo um grande vazio, que vai ser acompanhado ainda pelo apartar-se de si e do tempo presente. Dessa forma, o vazio torna-se uma das figuras centrais do romance, de maneira que cabe analisar sua presença, figurações e papel para compreender em totalidade a obra e sua relação com a vivência de Ponciá, personagem que exprime, através da escrevivência, a vivência de muitas mulheres negras.

É nesse âmbito que surge o presente trabalho, buscando analisar o vazio na obra Ponciá Vicêncio (2017). Para isso, analisaremos a trajetória da personagem-título, evidenciando as vivências sociais e coletivas que a atravessam e sua experiência com o vazio. Dessa maneira, o trabalho divide-se em 3 capítulos: *Entre a barca e a herança: os vazios e o trauma*, buscando compreender a origem desse vazio e atrelando-a ainda ao abismo, conceito cunhado por Glissant (2021), e à experiência traumática do racismo, conforme as contribuições de Grada Kilomba (2020); *Figurações dos vazios*, analisando as figurações nas quais o vazio surge na obra e quais fenômenos sociais o atravessam, compreendendo sua natureza que divide-se entre o vazio e o grande vazio; e, por fim, *O vazio e o adoecimento psíquico*, analisando as consequências desse vazio para o plano psicológico da personagem, considerando seu adoecimento durante a obra e aproximando-o da visão de Isildinha Baptista Nogueira (2021). À luz de teorias decoloniais, que relacionam-se com a escrita de Conceição Evaristo, essa análise busca ainda como objetivo principal promover uma reflexão crítica acerca dos impactos psicológicos do racismo e das vulnerabilidades psíquicas as quais a estrutura social submete indivíduos negros até os dias atuais, pois, conforme Isildinha Baptista, “os efeitos psíquicos do racismo em quem sofre e em quem goza são essenciais para se entender o Brasil.” (2021, p. 12)

Por fim, permeado pelo passado e presente, o trabalho reside diretamente no resultado desse ir e vir e no vazio produzido por este, como figuras centrais. Dessa maneira, considerando o que diz Grada Kilomba (2020, p. 23) sobre o processo de escrita: uma questão relativa tanto ao passado quanto ao presente, buscamos o passado como ponto de partida para encontrar respostas acerca da compreensão do vazio enquanto fenômeno, assim como Vô Vicêncio o fazia: “Olhou o tempo como se buscasse no passado, no presente e no futuro uma resposta precisa, mas que estava a lhe fugir sempre.” (Evaristo, 2017, p. 17)

2. Entre a barca e a herança: O vazio e o trauma

“Diziam que ela parecia muito com ele em tudo, até no modo de olhar. Diziam que ela, assim como ele, gostava de olhar o vazio. Ponciá Vicêncio não respondia, mas sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio.” (Evaristo, 2017, p.27)

Ao olhar para o passado, a relação de Ponciá com o vazio se mostra presente em toda a sua existência. Entre idas e vindas na memória do tempo, a personagem parece ver, no eco do vazio, aquilo que ninguém ou quase ninguém viu, à exceção de Vô Vicêncio. Assim, emerge a herança que o avô deixa para a neta, compartilhando com Ponciá algo que parece

alheio aos demais familiares e que lhes é muito particular. Seja em aparência ou em trejeitos, ambos configuram uma relação singular não apenas entre si, mas com este vazio, cuja personificação parece acompanhar suas trajetórias como um fio condutor, o qual pretendemos, buscando sua origem, seguir neste capítulo.

A busca pela origem do vazio é possivelmente tão dificultosa quanto a busca pela origem dos povos escravizados que há muito fora apagada, afogada em uma violência exploratória que atravessou os atlânticos através do tráfico negreiro. No posfácio da obra, a professora Maria José Barbosa, da University of Iowa, aponta que, assim como Ponciá, Vô Vicêncio, um homem que sentiu na pele a exploração da escravidão antes e após a abolição legal da escravatura, “foi acumulando partidas e vazios até culminar numa grande ausência”(Evaristo, 2017, p. 113). Essas partidas e vazios são ocasionadas pelas violências sofridas por ambos no decorrer da vida, enquanto indivíduo escravizado, no caso de Vô Vicêncio, e indivíduo afetado pelas consequências da escravidão, no caso de Ponciá. A essa ausência atribuímos a frequência do “grande vazio” identificado por Ponciá na vida adulta, conforme o trecho “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio” (Evaristo, 2017, p. 24).

Nesse sentido, tomando a similaridade da relação de ambos os personagens com o vazio e buscando sua origem, a raiz do vazio surge no originário daquilo que gera a maior das violências contra Vô Vicêncio, e que se estende através das gerações, na perpetuação de sua raiz violenta através do racismo, afetando ainda Ponciá: o processo exploratório de escravização dos negros africanos. Portanto, tomaremos como ponto de partida em nossa análise o momento em que estes indivíduos são destituídos forçadamente de suas origens para serem escravizados em outro continente, o tráfico negreiro, a partir do qual a história é marcada por um apagamento que suscita a presença do vazio.

No ensaio “A Barca Aberta”, cujas contribuições emergem como papel central nesta análise, Glissant filosofa sobre a experiência traumática do tráfico negreiro, apontando que “O que é petrificante na experiência de deportação dos africanos para as Américas é, sem dúvida, o desconhecido”(2021, p. 33), o aterrorizante que está diretamente conectado não ao exílio, mas ao abismo. Enquanto correlatos, a figuração do abismo como cavidade profunda e escura, de separação extrema, aproxima-se da natureza assustadora do desconhecido, petrificando os que a vivenciam. A essa natureza assustadora e petrificante e sua associação figurada atribuímos ainda uma aproximação do vazio. Assim, o abismo, com suas três configurações, vaga no princípio de tudo, da busca pela totalidade e da Relação, conceitos

principais da obra de Glissant, e é a partir do trauma de sua experiência que o vazio se constrói.

O conceito de abismo-matriz, relacionado à barca, é citado por Glissant como o primeiro abismo, aquele que, além de tudo, gera. Nele, a matriz personifica-se em um meio de nascimento, como um útero, que gera um terror conhecido apenas pelos que vivenciam o não mundo do interior da barca. Dessa forma, o não mundo compreende-se enquanto um ambiente de suspensão, visto que a barca está suspensa no mar e não está ancorada a nenhuma terra, a nenhuma raiz, fortalecendo-se na insegurança da existência de um futuro durante e após a vivência da barca. Dessa forma, o desconhecido, atrelado ao abismo, é expresso na incerteza da continuidade da própria existência, gerando o terror petrificante.

“Mas o ventre dessa barca te dissolve, te atira num não mundo em que você berra. Essa barca é uma matriz, o abismo-matriz. Que gera o teu clamor. Que também gera toda unanimidade futura. Pois se você está sozinho nesse sofrimento, você compartilha o desconhecido com algumas pessoas que você ainda não conhece. Esta barca é tua matriz, um molde, que, no entanto, te expulsa. Grávida de tantos mortos quanto de vivos em suspenso.” (Glissant, 2021, p. 33)

O segundo abismo, o insondável do mar, assola os navegantes com o terror de serem atirados a ele, ao outro desconhecido. A possibilidade de aliviar o peso da barca atirando ao mar a carga, considerada, nesse caso, os navegantes amarrados em balas de canhão, reivindica a imagem de um calabouço, aprisionando os escravizados ao fundo do oceano com o peso das balas que mal enferrujam, ou seja, mal perdem a massa, não possibilitando uma emersão e, conseqüentemente, atraindo-os para a morte. Assim, a chegada à margem, ao destino, torna-se um sonho distante de sobrevivência. Antes dele, há o sofrimento pelo desconhecido, o terror do abismo, fortalecido no que é definido por Glissant como “a face mais petrificante do abismo” (2021, p. 34), a imagem indecifrável que se forma muito à frente da proa da embarcação, cuja formação não se sabe se configura ameaça ainda maior ou as areias da margem supostamente tranquilizadora, abrindo o questionamento se há um fim para este terror ou se a existência deste será eterna.

“Mas, para que essas margens tomem forma, e antes que sejam concebíveis, ou mesmo visíveis, quanto sofrimento pelo desconhecido! A face mais petrificante do abismo é, muito à frente da proa do navio negreiro, esse rumor pálido que não sabemos se é nuvem de tempestade, chuva ou garoa, ou fumaça de uma fogueira tranquilizadora. Dos dois lados da barca as margens do rio desapareceram. Que tipo de rio é esse que não tem meio? Seria ele apenas uma dianteira? Não estaria essa

barca vagando eternamente pelos limites de um não mundo, não frequentado por nenhum ancestral?” (Glissant, 2021, 34)

A face do terceiro e último abismo é revelada através do inconsciente, formada pelo que foi deixado para trás. Essa face projeta o inverso do desconhecido, a imagem de tudo que foi abandonado e só pode ser acessado através do imaginário, em uma prática quase religiosa. Ao atravessar o desconhecido dessa terra-mar, desconhecido esse que é acentuado por não saberem se é, de fato, o “planeta-terra”, o abismo aqui vai tratar do sentimento de desvanecer a própria origem, a própria terra e cultura, antes avivada no cotidiano e agora presa a uma memória que se desgasta, gerando um vazio que se aproxima durante o caminho ao se distanciar da terra ancestral.

“Essa ascese em atravessar a terra-mar que não sabemos se é o planeta-terra, sentindo esvaecer-se não apenas o uso das palavras ou a fala dos deuses, mas a imagem concluída do objeto mais cotidiano, do animal mais familiar. O sabor evanescente dos alimentos, o cheiro perseguido da terra ocre e das savanas.” (Glissant, 2021, 35)

Nesse sentido, Glissant saúda o oceano, “teus abismos são o nosso próprio inconsciente, arados por memórias efêmeras.”(Glissant, 2021, 35), reforçando a violência dessa vivência ao tornar o próprio inconsciente do escravizado uma figuração do abismo, que vai ser cultivado pelo esvaír da memória. Assim, esse abismo gera um processo de desconstrução colonial do indivíduo, ao afastá-lo, física e psicologicamente, daquilo que constitui sua identidade. Dessa maneira, construindo o abismo no inconsciente, novas margens são desenhadas, não apenas fisicamente. Margens essas que prendem os clamores, anteriormente gritados no primeiro abismo, agora silenciados pela compreensão de que não há mais pelo que clamar (Glissant, 2021).

Amarrada nesses três pontos, como as três vértices de um triângulo que cerca os que vivenciam a barca, “A experiência do abismo está no abismo e fora dele” (Glissant, 2021, p. 35) Nesse contexto, apresenta-se não apenas no interior da barca ou do desconhecido, mas também na vivência externa ou posterior a estes, de maneira que nasce o “contínuo-descontínuo”, conceito cunhado por Glissant ao considerar “Mas sua provação não morreu, foi reavivada no contínuo-descontínuo” (2021, p. 36). Assim, este revive o pânico daqueles que nunca escaparam do abismo, mortos em seu interior ou em outras configurações, como “o pânico do novo país, a assombração pelo país de outrora e, finalmente, a aliança com a terra imposta, sofrida, redimida.” (Glissant, 2021, p. 40)

Considerando a experiência dos que estão fora do abismo, aqueles que sobreviveram, ou recebem como herança o terror dos que sobreviveram, apesar da tentativas de esquecer o abismo, estes “teceram ainda assim uma vela (um véu) com o qual, sem retornar a Terra de Antes, cresceram nessa terra.”(Glissant, 2021, p. 40) A figuração da composição de uma vela exporta a ideia de construir um impulsor para o próprio barco, agora podendo ser considerado a vida particular destes, que seguem em frente na nova terra. No entanto, essa vela que impulsiona, mesmo em movimento, “é irrigada pelo vento branco do abismo.”(Glissant, 2021, p. 40) Assim, este, mais uma vez, permanece, mesmo na tentativa de esquecimento e superação da experiência vivida em seu interior, pois o vento que sopra e molha a vela ainda parte das profundezas do abismo, que assombra a todos os que sofreram as consequências da barca, sem exceção.

“Para todos nós, sem exceção, e mesmo quando mantemos o afastamento, o abismo também é projeção e perspectiva de desconhecido. Para além de seu precipício, nós jogamos sobre o desconhecido. (...) Nossas barcas estão abertas, nós as navegamos em nome de todos.” (Glissant, 2021, p. 40)

Nesse viés, o contínuo-descontínuo de Glissant (2021), que constitui os abismos para aqueles que sofreram as consequências da barca, atravessa Vô Vicêncio. Reconstruindo sua trajetória, Vô Vicêncio, enquanto homem negro escravizado nas terras de coronel Vicêncio, carrega já em seu nome as marcas de estar subordinado ao senhorio não enquanto indivíduo, mas enquanto propriedade, algo que se iniciou muito antes de sua própria geração, sinalizando a percepção que, no futuro, Ponciá teria, de que “O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens.” (Evaristo, 2017, p. 27) Assim, no contínuo-descontínuo, a continuidade do poder colonial emerge com um sopro dos abismos constituídos na barca, deixando sua marca em um das faces primárias da identidade do personagem, seu nome.

Quando a abolição da escravatura ocorre, se formam as condições do resultado do segundo abismo, fazendo com que a incerteza se há um fim para este terror ou se a existência deste é eterna assombre o indivíduo. Nesse contexto, assombrado pelas profundezas desse abismo, Vô Vicêncio, após uma vida encarando as perdas e vazios deixados como marcas pela condição de subalternidade colonial, “chorava e ria muito. Chorava feito criança. Falava sozinho também.”(Evaristo, 2017, p. 15) Vivía entre os choros de tristeza e risos de alegria que dava ao mesmo tempo, constituindo um não lugar, a partir do qual compreendia claramente a vida e o ao redor. À essa compreensão clara da própria realidade e inserção social, atribui-se a nuance de uma percepção lúcida do social, que ocorre a partir do olhar

para o vazio. Vô Vicêncio “gostava de olhar o vazio” (Evaristo, 2017, p.27), constituía um olhar particular para encará-lo, percebê-lo. No entanto, ao passo que essa percepção do vazio ocorria, para os demais, adoecia psiquicamente. À exemplo do que tange a esse adoecimento psíquico que atravessa a lucidez do próprio contexto social, quando Coronel Vicêncio dá para os negros, como presente de libertação, um pedaço de suas terras e fornece a estes, após pedidos dos escravizados, uma escrita em papel assinado, Vô Vicêncio rasga-o na frente do benfeitor “com gestos rápidos e raivosos”(Evaristo, 2017, p. 54). De alguma maneira, já compreendia que não há escape para aquela realidade, aproximando-se das consequências do segundo abismo. Fazendo jus a lucidez presente na atitude de Vô Vicêncio, que poderia ser vista como loucura, no futuro, mesmo com os escritos como gesto de suposta boa fé, através do mesmo Coronel Vicêncio, as terras voltaram para as mãos dos brancos, como sempre havia sido.

“(…) um dia, o próprio doador se ofereceu para guardar a assinatura-doação. Ele dizia que, na casa dos negros, o papel poderia rasgar, sumir, não sei mais o quê... Os negros entregaram, alguns desconfiados, outros não. O Coronel guardou os papéis e nunca mais a doação assinada voltou às mãos dos negros. Enquanto isso, as terras voltavam às mãos dos brancos. Brancos que se fizeram donos, desde os passados tempos.” (Evaristo, 2017, p. 54)

Mesmo com a abolição, os ascendentes de Ponciá Vicêncio, assim como a maior parte dos negros, continuaram ali, a trabalhar nas terras de Coronel Vicêncio, condição para que recebessem o presente de libertação. A perspectiva da liberdade fez com que muitos acreditassem e sonhassem com outras condições de vida. No entanto, “O tempo passava e ali estavam os antigos escravos. (...) Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno.” (Evaristo, 2017, p.42) Nesse sentido, em alguns, como o pai de Ponciá, muito antes desta nascer, aflorou-se a revolta e a raiva por continuarem nessas condições, sofrendo com o poder daqueles que os abusavam acreditando ser donos de seus corpos. Assim, os questionamentos acerca do porquê continuavam se submetendo a estas violências foi feito pelo, até então, menino para o pai, Vô Vicêncio. Como resposta, obteve “uma gargalhada rouca de meio riso e de meio pranto” (Evaristo, 2017, p. 17), aflorando da incerteza de que há um fim para estes sofrimentos. A partir desta perspectiva, torna-se, o riso, uma espécie de consciência da ironia da pergunta e, o pranto, a desolação pela continuidade deste terror, aproximando-se das figurações do segundo abismo, que aparenta não ter fim.

“Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arriaram à procura de outros lugares e trabalhos? Um dia perguntou isto ao pai,

com jeito, muito jeito (...) Perguntou e a resposta do pai foi uma gargalhada rouca de meio riso e de meio pranto. O homem não encarou o menino.” (Evaristo, 2017, p. 17)

Essa consciência da não finitude dos horrores vividos na escravidão faz com que haja não uma retomada, mas um afastamento da face petrificante do primeiro abismo. Enquanto este se configura a partir da incerteza de continuidade da própria existência, Vô Vicêncio, em dado momento, passa a preferir a morte à continuar vivendo a própria realidade, para si e para os seus. Após anos trabalhando nas terras dos Vicêncio em condições degradantes, com a mulher e filhos, tendo muitos desses sido nascidos e vendidos como escravizados mesmo com a lei do Ventre Livre em vigor, “Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida.” Após ter sido impedido de continuar, o intento resultou na morte da mulher e na mão do homem decepada. Portanto, “Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele independente de seu querer.” (Evaristo, 2017, p. 45)

O intento de Vô Vicêncio, entre muitas compreensões, pode ser assimilado ainda através das lentes do segundo abismo. A percepção de ter toda a sua vivência e dos seus familiares a mercê das condições concebidas pela escravidão, sem a certeza de que há um fim para tal, gera um pânico que tem origem nos horrores da barca e chega como herança no contínuo-descontínuo. Essa experiência não trata-se de algo individual, pois, segundo Glissant (2021), os povos, descendentes dos que viveram a experiência da barca, “não vivem de exceção.” (2021, p. 37) Assim, pode-se traçar um paralelo entre a história fictícia de Vô Vicêncio e a história real de Margaret Garner, origem do romance *Amada* (1987) de Toni Morrison, mulher escravizada que fugiu para um estado livre juntamente com os filhos e assassinou-os quando os policiais e caçadores de escravos os encontraram, pois “não queria ver os filhos sofrerem como ela havia sofrido” (P.S. Basset, 1856 apud Morrison, 2017, p. 24)

Seguindo o fio desse paralelo, na obra Ponciá Vicêncio, Vô Vicêncio “Estava louco, chorando e rindo.” (Evaristo, 2017, p. 45) durante o ocorrido. Já Margaret Garner declarou não estar imersa na loucura quando cometeu o ato, mas sim estar calma e preferir “acabar com seu sofrimento a vê-los serem levados de volta à escravidão e assassinados aos poucos.” (P.S. Basset, 1856 apud Morrison, 2017, p. 24) Apesar de haver contrastes na realidade psíquica dos indivíduos, há uma lucidez no entendimento da dimensão social da escravidão, compartilhada através do segundo abismo, que aproxima ambos os casos, levando-os às mesmas conclusões, preferir a morte à continuidade dos horrores da escravidão.

Com a piora de Vô Vicêncio, aproxima-se dele a face do terceiro abismo, que se torna o próprio inconsciente do indivíduo. Para o pai de Ponciá, essa piora se deu “quando o

pai começou a rir e a chorar ao mesmo tempo, como também a dizer coisas não inteligíveis.” (Evaristo, 2017, p. 21) Acompanhando os sentimentos de pavor, ódio e vergonha que sentia pela situação do patriarca à medida que este piorava, pensou em abreviar sua vida através da recordação dos fatos. Para ele, “se fizesse o pai lembrar de tudo, se ferisse a memória dele, o homem morreria de vez. Morreria de todas as mortes, da mais profunda das mortes.”(Evaristo, 2017, p. 22) Desse modo, a constituição acerca do não trazer os fatos à memória de Vô Vicêncio, pois isto o sorveria até a morte, recupera um encontro com o terceiro abismo, que configura-se a partir do esvair da memória.

No entanto, há aqui um contraste entre os ideais de Glissant e as ocorrências com Vô Vicêncio. Sobre o terceiro abismo, o filósofo associa o esvair da memória acerca da própria origem à violência sofrida pelos que vivenciam a barca. Já no caso de Vô Vicêncio, trata-se de um esvair da memória pela própria sobrevivência, visto que a realidade dos fatos é tão dolorosa e violenta que a lembrança destes, tanto para Vô Vicêncio quanto para o pai de Ponciá, “era como sorver a própria morte, era matar a si próprio”(Evaristo, 2017, p.22) Nesse contraste, as familiaridades entre ambos os cenários se afastam, mas voltam a aproximar-se no que diz respeito a esta memória que se desgasta a partir da experiência traumática, gerando o vazio.

É, então, através do vazio que vemos Vô Vicêncio e Ponciá compartilharem a experiência traumática, pelo qual se dá a herança. Para Glissant, “Podemos dizer agora que essa experiência do abismo é a coisa mais bem trocada.” (2021, p.37) Assim, no contínuo-descontínuo, que reaviva os horrores vividos na experiência traumática do abismo, este permanece assombrando também àqueles que não o vivenciaram diretamente, mas sofreram suas consequências, como ocorre com Vô Vicêncio e, posteriormente, com Ponciá. Desde nova, “Ela era pura parença com Vô Vicêncio” (Evaristo, 2017, p. 54), e, conforme o início do capítulo, não apenas em trejeitos ou atitudes, mas na mesma afeição por olhar para o vazio através de uma lucidez que os faz compreender socialmente sua relação com o mundo. Ao considerar que as consequências da barca e do período escravista, tendo o racismo e o contínuo-descontínuo como resultado, não tem fim, revivem-se os traumas do abismo. Assim, a compreensão do vazio construído na história de Ponciá perpassa necessariamente a experiência traumática compartilhada.

Grada Kilomba (2020) analisa como o racismo do dia a dia configura-se como realidade traumática. Segundo a autora: “Analiticamente, o trauma é caracterizado por um evento violento na vida do sujeito “definido por sua intensidade, pela incapacidade do sujeito de responder adequadamente a ele e pelos efeitos perturbadores e duradouros que ele traz à

organização psíquica.” (Laplanche e Pontalis, 1988, p.465 apud Kilomba, 2020, p. 179) Nesse sentido, o passado colonial e escravagista emerge como uma manifestação da violência cuja conjuntura produz os efeitos perturbadores e duradouros à ordem psíquica do indivíduo negro, pois trata-se de um passado reavivado no cotidiano através da permanência do racismo, configurando-se enquanto trauma por definição. Aqui, a natureza duradoura deste está atrelada à memória, visto que, segundo a autora (2020, p. 179), este passado foi memorizado de maneira que não pode ser esquecido, pois cotidianamente “ficamos presas/os a cenas que evocam o passado, mas que, na verdade, são parte de um presente irracional.” (Kilomba, 2020, p. 179); já a produção dos efeitos perturbadores atrela-se à incorrência repentina em que “o passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o sujeito negro estivesse naquele passado agonizante.” (Kilomba, 2020, p. 24)

Na obra, Kilomba utiliza, no título *Memórias da Plantação* (2020), uma metáfora que aborda o passado como origem desse trauma. Nele, a memória configura via de acesso à experiência traumática do passado colonial e a plantação configura a percepção da origem do racismo cotidiano, que é semeado por esse passado. As memórias do passado colonial, então, recuperam a definição de trauma apresentada, cuja ocorrência se dá a partir da natureza duradoura e da produção de efeitos perturbadores. Portanto, o título exporta a ideia do “símbolo de um passado traumático que é reencenado através do racismo cotidiano” (Kilomba, 2020, p. 179), reacendendo o trauma colonial memorizado e configurando o racismo cotidiano “não apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática.” (Kilomba, 2020, p. 24)

Kilomba organiza ainda o trauma em três elementos implícitos principais, a partir do relato psicanalítico, sendo estes o choque violento, a separação e a atemporalidade. O primeiro elemento, o choque violento, configura-se como “um evento inesperado para o qual a resposta imediata é o choque” (Kilomba, 2020, p. 181) Nele, esse evento inesperado surge não como uma ocorrência pontual, mas sim acumulada, reproduzindo o trauma histórico-coletivo. Assim, o choque violento emerge a partir tanto da agressão racista pontual, quanto da violência de ser imputada de volta ao cenário colonial. Esse retorno psicológico ao passado, ocasionado pelo trauma, é então considerado “excessivo e intolerável para a organização psíquica” (Kilomba, 2020, p. 184), assombrando o indivíduo alvo dessa violência ao não afastar-se de sua memória. Assim, “Somos assombradas/os por memórias e experiências que causaram uma dor desumanizante, uma dor da qual se tem pressa em fugir.” (Kilomba, 2020, p. 185)

O segundo elemento, a separação, que priva a relação do indivíduo com a sociedade, ocorre através do “sentimento de ruptura, corte e perda causada pela violência do racismo cotidiano” (Kilomba, 2020, p. 185) Nele, a noção de pertencimento é interrompida, pois o indivíduo é, de maneira violenta, privado da participação na sociedade, a partir da outridade. Sendo a *Outra*, está constantemente à margem, separada dos outros pelo racismo. Acerca disso, considera-se que “No trauma clássico, os laços com outros humanos, com a noção de comunidade ou com um grupo, tão básico para a identidade humana, são perdidos.” (Bouson, 2000 apud Kilomba, 2020, p. 185) A constituição desse isolamento e separação do indivíduo negro está diretamente ligado à segregação histórica ocorrida na escravização e no colonialismo, a partir do qual tem-se roubado de si o pertencimento ao corpo social, causando a perda. Por fim, Kilomba considera ainda, na definição desse elemento, as contribuições de Bell Hooks, para concluir que “Fomos, e ainda somos privadas/os do nosso elo com a sociedade, fato que nos causa uma sensação interna de perda.” (Kilomba, 2020, p. 186), o que é exemplificado nas autobiografias de pessoas africanas escravizadas, que apresentam “uma história coletiva de indivíduos emocionalmente devastados pela separação da pátria, do clã e da família.” (Hooks, 2001, p. 19-20 apud Kilomba, 2020, p. 186)

Por fim, há o terceiro elemento, a atemporalidade, na qual um evento de natureza violenta do passado é “vivenciado no presente e vice-versa, com consequências dolorosas que afetam toda a organização psicológica, entre as quais se encontram pesadelos, flashbacks e/ou dor física” (Bouson, 2000; Kaplan, 1999; Laplanche e Pontails, 1998 apud Kilomba, 2020, 181-182). Este configura-se como um elemento do trauma clássico a partir da sensação de imediatismo de algo já passado, ou seja, uma experiência traumática passada sentida e vivida como se ocorresse no presente, ou o contrário, uma experiência vivida no presente como se estivesse no passado, pois “Somos assombradas/os por memórias coloniais intrusivas que tendem a voltar.” (Kilomba, 2020, p. 188) Nesse contexto, uma característica importante da atemporalidade é a coexistência entre passado e presente, interpolada através da memória do trauma colonial que reincide. Assim, o movimento escravocrata e o colonialismo, através da memória traumática, conectam-se ao presente, através do racismo cotidiano que “nos coloca de volta em cenas de um passado colonial - colonizando-nos novamente.” (Kilomba, 2020, p. 188)

Em paralelo à associação destes elementos ao racismo cotidiano, realizada por Grada Kilomba (2020), há uma similaridade nas ocorrências que constroem o vazio em Ponciá Vicêncio, sendo possível uma também assimilação dos elementos entre os quais o trauma está organizado à trama. No âmbito do primeiro elemento, seu surgimento a partir de ocorrências

acumuladas, reproduzindo traumas históricos compartilhados e ocasionando um retorno psicológico a um passado de dores desumanizantes que não afastam-se da memória do indivíduo, assombrando-o, atrelam-se às vivências de Ponciá nas violências aparentemente pontuais e estruturais que a partem da origem de dores desumanizantes e a assombram, não deixando-a esquecer ou aquietar-se sobre essas violências, como sua insatisfação com o próprio nome, lembrada diversas vezes durante a história. No âmbito do segundo elemento, sua natureza aproxima-se das vivências de Ponciá no eixo do isolamento ocasionado a partir da ruptura, não apenas no que diz respeito à outridade, mas também pela ausência dos laços com outros humanos, necessários para identidade do indivíduo, que constitui seu isolamento, perpetuando o feito histórico de segregação ocorrido no tráfico negreiro. Esse isolamento e segregação, para Ponciá, parte da perda e afastamento de sua comunidade e familiares, ou seja, seu corpo social, sendo privada da continuidade desse elo emocional, social e identitário. Por último, o âmbito do terceiro elemento permeia majoritariamente a trajetória de Ponciá, pois a atemporalidade ascende a coexistência entre passado e presente através da memória do trauma colonial, afetando ainda a organização psicológica do indivíduo. Nesse sentido, a personagem aproxima-se da atemporalidade ao frequentar presente e passado, a partir do trauma, seja como fuga ou como via de afeto, a memória a faz mesclar passado e presente a partir das experiências violentas de perda que vivencia.

“os dolorosos efeitos do trauma mostram que as/os africanas/os do continente e da diáspora foram forçadas/os a lidar não apenas com traumas individuais e familiares dentro da cultura branca dominante, mas também com o trauma histórico coletivo da escravização e do colonialismo reencenado e reestabelecido no racismo cotidiano” (Kilomba, 2020, P. 181)

Assim, ao atribuir à experiência do racismo cotidiano (Kilomba, 2020) o valor traumático, é ainda possível aproximar deste as violências e perdas sofridas por Ponciá, resultado do racismo e a partir das quais o vazio emerge. Na história da personagem, trata-se não apenas de episódios diários e rotineiros nos quais o racismo se manifesta, mas da configuração social, perpetuada pela colonialidade, que a impacta, trazendo a si perdas e faltas, como a infância, a própria comunidade, a identidade e subjetividade do indivíduo, o poder econômico e até mesmo os filhos, perdas comuns àqueles que sofrem com as consequências do período escravagista, todas atrelados à uma estrutura social racista solidificada por um passado de poder colonial exploratório. Nesse sentido, a definição como trauma histórico coletivo da escravização e do colonialismo fortalece a aproximação entre as

duas obras, ao localizar-se na coletividade dos indivíduos africanos do continente e da diáspora que foram obrigados a lidar com esta reencenação e reestabelecimento do colonialismo no cotidiano (Kilomba, 2020, P. 181), através do racismo. Assim, para essa análise, consideramos a estrutura social racista que impacta Ponciá pelo trauma do passado colonial, ocasionando o acúmulo de perdas que resultam em vazios, também a partir da ótica do racismo cotidiano (Kilomba, 2020).

Dessa maneira, o vazio de Ponciá é construído a partir do trauma, gerado pelo acúmulo de perdas e violências. Considerando a visão psicanalítica, o trauma, organizado em três elementos, atrela-se ao racismo cotidiano não como um evento violento isolado e individual, mas sim como “o acúmulo de eventos violentos que, ao mesmo tempo, revelam um padrão histórico de abuso racial que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas do trauma.” (Kilomba, 2020, 181) O acúmulo dessas violências, componentes de uma história coletiva de abuso racial, faz parte, assim, do trauma vivenciado por Ponciá, o qual constrói os vazios em seu interior como resultado.

3. Figurações dos vazios

Compreendendo a origem, a experiência traumática do tráfico negreiro e do período colonial, e o desencadeamento do trauma revivido no acúmulo de violências raciais coletivas, é necessário ainda analisar as imagens do vazio no romance. Assim, a partir da análise, reconheço duas naturezas da experiência do vazio, as quais denomino *os vazios* e *o grande vazio*, sendo possível atribuir a estas diferentes sentidos.

No posfácio da 3ª edição da obra, a professora Maria José Barbosa, da University of Iowa, aponta que a personagem “foi acumulando partidas e vazios até culminar numa grande ausência” (Evaristo, 2017, p. 113) A partir disso, os vazios, no plural, já autointitulados, são inúmeros, não tratando-se de um evento único. Na análise de Barbosa, os vazios estão associados às partidas, podendo estas serem as rupturas ou as ausências vividas por Ponciá. A associação de ambos, a existência múltipla de vazios e as rupturas e ausências sofridas, atribui à estes vazios, no plural, o sentido de construções emocionais únicas que ocorrem a partir de profundos abalos emocionais. Já ao tratar do grande vazio, analiso sua existência enquanto um não lugar que está interligado à “grande ausência” citada. Este não lugar é construído a partir dos vazios sentidos e desenvolvidos no decorrer da obra, sendo o acúmulo deles o construtor deste “grande vazio” (Evaristo, 2017, p. 24), que configura o adoecimento psíquico da personagem. Este, que surge na vida adulta de Ponciá, a faz apartar-se do tempo presente, rememorando o passado.

Essa diferenciação, procura pensar também em como se dá o “apartar-se de si mesma” de que fala o posfácio. O processo de separação de si vivido pela personagem, que associa à experiência do grande vazio, é apontado como uma consequência dos abalos emocionais que personificam e constroem os vazios, as sucessivas perdas e violências sofridas. Assim, buscando compreender as subjetividades individuais da natureza de cada um desses vazios, seguiremos, neste capítulo, analisando a presença e figurações dos vazios na história, enquanto sentimento construído a partir do trauma, e, como consequência do acúmulo desses vazios, no capítulo seguinte, analisarei o grande vazio e sua relação com o processo de adoecimento psíquico da personagem-título.

a. A criança e os vazios

Em sua primeira figuração, o vazio sorri para Ponciá, personificado na forma de uma mulher, que é vista pela personagem ainda criança no meio do milharal e cujo corpo é descrito como “transparente e vazio” (Evaristo, 2017, p. 14). A mulher transparente e vazia sorri para Ponciá, que lhe corresponde também com um sorriso. Nessa esfera, o sorriso aparenta um gesto amigável de recepção, uma familiaridade incomum entre a desconhecida e a menina, que não se assusta ao vislumbrar esse vazio figurado. Vê-se então um contraste entre a reação de Ponciá e a de sua mãe, que se assusta ao saber desse encontro e, a partir disso, pede que cortem o milharal, mesmo fora dos tempos de colheita. Dessa forma, pontua a familiaridade particular com o vazio que era característica da menina, mesmo muito nova, diferente dos demais.

Quando Ponciá Vicêncio vai ao milharal no dia seguinte, ele está derrubado. “Ela ainda olhou para os lados com a esperança de ver a mulher alta e transparente. Não viu. Tudo era um só vazio.” (Evaristo, 2017, p. 14) A menina experiencia, pela primeira vez, um vazio enquanto sentimento de ausência de algo, que antes ali estava e lhe parecera íntimo, ligando-o tanto a familiaridade com a mulher transparente e vazia, quanto ao espaço físico, o milharal, dentre o qual costumava correr e brincar. Essa coexistência antecipa as figurações que o vazio ocupa no decorrer da narrativa, conectando-se ao espaço geográfico, que possui grande relevância em sua construção, e à presença deste no interior de Ponciá, apagando futuramente sua identidade, ao apresentar-se no interior da mulher transparente, cuja identidade não sabe-se nada sobre.

Dessa forma, o vazio chega até Ponciá como herança através do contínuo-descontínuo (Glissant, 2021), antes mesmo do acúmulo de partidas e violências que culminarão no grande vazio (Evaristo, 2017, p. 113). Na narrativa, o cenário em que sente o vazio pela primeira vez

está localizado cronologicamente em uma época em que Ponciá ainda não possuía desgosto e afastamento pela própria identidade, mas o contrário, conforme o trecho que antecede essa cena, “Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava da roça” (Evaristo, 2017, p. 13) No entanto, mesmo com essa satisfação pela própria identidade, personificada em gênero, subjetividades e espaço geográfico, e que precede as ausências e partidas a serem fator potencializador dos vazios sentidos pela personagem, o vazio chega até a ainda menina Ponciá Vicêncio, cujo trajeto compreende-se através do contínuo-descontínuo (Glissant, 2021). Este que revive os traumas vivenciados no abismo, perseguindo aqueles que experienciam as consequências da barca, reavivadas durante e após o período escravagista através do racismo, conforme ocorre com Vô Vicêncio e chega até a neta como herança. Assim, o vazio não é originado no interior da menina a partir das partidas e ausências a serem vivenciadas, mas sim a partir do contínuo-descontínuo, compartilhado com o avô através da herança, e no qual as violências consequências da era escravocrata, já sofridas mesmo sem ainda saber ou compreender, reacendem os traumas do abismo, criando o vazio.

“Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí; nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos.” (Evaristo, 2017, p. 18)

O sentimento de vazio surge novamente na não identificação de Ponciá com o próprio nome, que ocorre também desde a infância. Ponciá, assim como Vô Vicêncio, vide a ascendência, carrega em seu nome as marcas de escravização da própria linhagem, levando consigo o sobrenome de coronel Vicêncio, indicativo da natureza colonial de posse sobre indivíduos negros escravizados que chega até a geração da menina, mesmo após a abolição. O nome também configura-se, então, como parte da herança deixada pelo avô, sofrimento compartilhado por ambos através do incômodo de carregar em uma das matrizes da própria identidade, seu nome, traços da apropriação e exploração dos Vicêncio. Isso é compreendido pelo resultado desse fenômeno ser o aflorar da “vontade de choros e risos” (Evaristo, 2017, p.18) na menina, herança de Vô Vicêncio. Assim, Ponciá passa a não se identificar com o nome, nem criança e nem adulta, e a temer essa falta.

Sendo esta mais uma consequência da exploração do período escravocrata que chega até Ponciá como herança, passa a ser também a revivescência das consequências do trauma gerado pelo terceiro abismo, através do contínuo-descontínuo, de maneira que a assola desde antes das ausências e partidas a serem vividas até a vida adulta. “Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono.” (Evaristo, 2017, P.27) Dessa maneira, demonstra resistência à ideia de ter como parte de sua identidade o domínio dos Vicêncio. Mas, ao extrair de sua identidade o que ainda a indica como propriedade, seu nome, passa também a não ter ciência da própria subjetividade, pois “(...)ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém”. Não era propriedade do coronel Vicêncio, tampouco sabia o que era, gerando, portanto, o sentimento de vazio no que tange à própria essência, e atrelando-o ainda à anulação do ser ao ter desapropriado de si um dos aspectos que constrói a própria subjetividade, consequência que pode ser equiparada ao que ocorre no terceiro abismo: um processo de nulidade do indivíduo, ao afastá-lo daquilo que constitui sua identidade.

“O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. Às vezes num exercício de autoflagelo ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco.” (Evaristo, 2017, p. 26)

Depois de adulta, o sentimento de vazio ocasionado pelo complexo com o próprio nome não se esvai. Seguia chamando por Ponciá Vicêncio, agora encarando o próprio reflexo no espelho, e não tendo resposta para este chamado dentro de si (Evaristo, 2017, P. 19), pois o vazio estava também no nome. Ele por si só era, para a menina, vazio, não possuindo significados que coubessem a própria essência, e, portanto, não encontrando-se nele. Assim, um vazio é construído no interior de Ponciá pela falta que este ocupa na própria identidade. Conforme o trecho “Pedi ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele espantado perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que lhe poderia chamar de nada” (Evaristo, 2017, P. 19), passa a sentir-se nada, concretizando o esvair-se de si. Por fim, o desespero dessa falta revive a experiência traumática do terceiro abismo, no que tange a nulidade do indivíduo.

b. A cidade como promessa e os vazios

Quando Ponciá, aos dezenove anos, decide deixar o campo e mudar-se para cidade em busca de melhores condições de vida, o vazio surge a partir da frustração desses sonhos, de certezas esvaziadas. Os questionamentos explorados em “O que acontecera com os sonhos

tão certos de uma vida melhor? Não eram sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia.” (Evaristo, 2017, P. 30) apontam o vazio criado na frustração das certezas de uma vida melhor, muito sonhada, e que não viera a se concretizar. Como impacto, a personagem descreve sua vivência como uma morte em vida, o que atrelaremos futuramente ao grande vazio. Assim, para compreender os vazios criados a partir dessa frustração, cabe explorar seu movimento migratório para cidade, enquanto promessa colonial de salvação, considerando suas motivações, a realidade encontrada lá e os sentimentos aflorados a partir da ausência da própria família e comunidade.

“Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres enquanto alguns conseguiam enriquecer todos os dias. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova.” (Evaristo, 2017, p. 30)

O movimento migratório de Ponciá é sumariamente motivado pelo cansaço. Na descrição da decisão repentina, há um foco da escrita no cansaço pela luta árdua travada na busca contínua por sobrevivência, na qual não via fim para as injustiças e explorações sofridas no campo. A personagem demonstra uma clareza na compreensão da natureza social exploratória da relação entre os senhores das terras em que vivem e os negros que nelas trabalham, condição perpetuada após a escravidão, que carrega consequências até a sua geração. Para ela, no entanto, essa natureza está diretamente atrelada ao ambiente em que vivera até então, o campo, acreditando “que poderia traçar outros caminhos”(Evaristo, 2017, p. 30) em um lugar com mais oportunidades, a cidade. A idealização da cidade emerge aqui reforçando uma das principais estratégias coloniais mantenedoras da colonização: a metrópole como salvação civilizatória das camadas mais pobres da sociedade, através da promessa de maiores oportunidades de ascensão social e vida digna. Neste sentido, pode-se aproximar as motivações de Ponciá à experiência do segundo abismo (Glissant, 2021). Nele, constituído pela vastidão do insondável do mar, sofrimento aterrorizante que parece não ter fim, a chegada ao destino deixa de tornar-se aterrorizante e passa a ser um sonho distante de sobrevivência, não sabendo se a margem configura uma ameaça ainda maior ou uma natureza tranquilizante. Assim, em paralelo, é possível aproximar a vastidão do insondável do mar à

visão da personagem acerca da própria realidade social no campo, cuja existência parece não ter fim, perpetuando um ciclo de violência e pobreza, tal como a idealização da cidade aproxima-se da expectativa da margem como possível natureza tranquilizante e salvadora, criada no segundo abismo.

O paralelo entre ambos pode ainda ser construído ao considerar os apontamentos do filósofo acerca da aliança com a terra imposta e a revivescência do trauma, realizada no contínuo-descontínuo. Glissant (2021) aponta que “a experiência do abismo está no abismo e fora dele”(2021, p. 35), pois aqueles impactados pelos tormentos do abismo tem as provações destes reavivadas no contínuo-descontínuo, dentre eles, “a aliança com a terra imposta” (Glissant, 2021, p. 35). Assim, os povos que se constituíram nesse novo cenário usaram a memória da experiência traumática como agente catalisador, conseguindo sobreviver e navegar nesta terra imposta. A considerada, então, “Terra do além tornada terra em si.”(Glissant, 2021, p. 36) Ponciá, em paralelo, parece fazer jus à essa mudança e construção de uma “aliança com a terra imposta”, sendo, nesse caso, a imposição feita por uma promessa colonial de melhorias de condições de vida no ambiente urbano. Considera-se essa expectativa social como imposição ao ser visto como a única opção de fuga de uma realidade violenta e exploratória, como no trecho “Ponciá não conseguiu explicar que sua urgência nascia do medo de não conseguir partir. Do medo de recuar, do desespero por não querer ficar ali repetindo a história dos seus. Agora na cidade, sozinha, para onde deveria ir? O que deveria fazer?” (Evaristo, 2017, p. 34) No entanto, essa navegação e aliança com a terra imposta é ainda maculada, através do trauma, pela mesma memória que a constrói, reavivando a experiência do abismo mesmo que tentem desta esquecer. Dessa maneira, o trecho demonstra as dúvidas e incertezas de Ponciá ao chegar à cidade, sem saber para onde ir, o que deveria fazer e se há futuro para si, configurando o desconhecido, do presente e do futuro, que está intimamente ligado ao abismo, revivendo, assim, o trauma da barca.

Ao reforçar o enfrentamento solo do desconhecido por parte de Ponciá, o trecho sustenta ainda o sentimento de solidão que a chegada à cidade causa na personagem, sentimento este que provocará o vazio e sua relação com o terceiro abismo revivido. De primeira, “Não divisou nenhum rosto conhecido, experimentou um profundo pesar, embora soubesse de antemão que não havia ninguém esperando por ela.” (Evaristo, 2017, p. 31) Esse profundo pesar evoca já na chegada, na primeira noite na cidade, uma nostalgia pelo que foi deixado para trás e a solidão por não ver nenhum dos seus ali. Essa solidão é reforçada no trecho “algumas vezes, ela já havia passado a noite em claro, em festa ou velório, mas nunca sozinha.” (Evaristo, 2017, p. 35), pontuando ser a primeira vez que a experiência, estando

ligada intimamente ao afastamento da própria comunidade. Neste momento, como forma de aplacar a saudade, o pesar pelo afastamento e a solidão provocada por ambos, Ponciá rememora sua infância e o passado. A memória aqui é exposta como via de afeto, uma fuga do real que busca reaproximar-se do que ficou para trás, gerando o vazio. Esse vazio aproxima-se da face do terceiro abismo, que se configura a partir do inconsciente, formado pelo que foi deixado para trás. Aqui, a aproximação entre o abismo e o vazio no interior de Ponciá se dará através da memória, rememorando aquilo que agora só pode ser acessado através do imaginário e desvanecendo a origem da personagem ao afastá-la do que constitui sua identidade, em um processo de desconstrução colonial do indivíduo negro.

A prática dessa violência que torna o próprio inconsciente da personagem uma reconfiguração do terceiro abismo da barca, através do contínuo-descontínuo, tem como resultado a solidão, provocando uma profunda tristeza, além do vazio interior ao retirar de si aquilo que constitui parte de sua identidade. No texto, após rememorar o passado, Ponciá “Sentiu um peso no coração, uma tristeza funda, um mau presságio. Levantou aflita.” (Evaristo, 2017, p. 36) O sentimento de profunda tristeza nessa circulação no inconsciente e na memória reafirma a natureza traumática da frequência do terceiro abismo, reavivado através do contínuo-descontínuo. A violência do vazio provocado por esse processo e dessa desconstituição da própria identidade é, assim, parte da memória do trauma compartilhado entre aqueles que vivem as consequências da barca.

“Ao lembrar da mãe, sentiu um aperto no peito. O que acontecera com ela?(...) E o irmão?(...) Conseguira? Será que conseguira ir além? Ou estaria reduzido, pequeno, mesquinho, em um barraco qualquer, feito ela? Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio.” (Evaristo, 2017, p. 23-24)

O vazio que Ponciá sente, a partir do alinhamento entre saudade e solidão, se agrava ao perder-se de seus familiares. Em uma das visitas constantes que fazia à estação de trem, para ver se conseguia notícias dos familiares, descobre que o irmão também havia se mudado do povoado para a mesma cidade que ela, e sua mãe pouco depois, não querendo ficar sozinha, fora embora deste também. Ponciá, a partir deste ponto da história, passa a sentir o agravamento da solidão, culminado pela saudade dos seus, que aprofunda o vazio em seu interior ao não ter certeza se há fim para este sofrimento, aproximando-se do segundo abismo, pois não trata-se mais apenas do afastamento físico, sabendo onde encontrar sua comunidade familiar, trata-se do isolamento pessoal no mundo, estando sozinha não apenas neste desconhecido, como no mundo como um todo. Nesse sentido, o passado torna-se o

desconhecido, pois, caso decidisse retornar não encontraria os seus, sendo impossível reviver as condições passadas. O mesmo ocorre com o futuro, pois os sonhos planejados para serem usufruídos pela família tornam-se não possíveis, aproximando-se mais uma vez do desconhecido do abismo.

Dessa forma, o afastamento se transforma em perda, pois não apenas está longe destes, como não sabe onde encontrá-los. Nesse sentido, o trecho “E, de vez em quando, ela própria escutava, em quase desespero, o seu próprio e aflito pedido, que tentava localizar os seus. Resposta alguma chegava; entretanto, Ponciá guardava a esperança de revê-los um dia.” (Evaristo, 2017, p. 41) evoca o desespero e a aflição resultantes dessa perda que também culmina no vazio. Assim, a figuração deste se torna cada vez mais presente, deslocando-se do espaço para o interior de Ponciá, o que é apresentado quando a personagem volta até o vilarejo após reunir dinheiro suficiente para comprar um quarto na periferia da cidade, seu objetivo inicial. Neste cenário, aponta que “Só então percebeu que a casa estava vazia. A dor da ausência da mãe e do irmão aconteceu mais forte ainda.” (Evaristo, 2017, p. 50) atrelando o vazio ao espaço que ocupavam em conjunto, como família, quando ali vida ainda moravam. Assim, o espaço vazio configura, para Ponciá, a personificação do vazio que a ausência deles provoca em si, como no trecho “Ponciá percebeu, quando viu, tudo estava vazio. Não suportava viver a ausência deles, no jogo de esconde-aparece que eles estavam fazendo” (Evaristo, 2017, p. 51). Por fim, o vazio atrelado ao espaço, no agravamento da dor dessa ausência, migra para o interior de Ponciá no trecho “Tinha de encontrar os vivos e os mortos, em algum lugar. Estava só, estava vazia.” (Evaristo, 2017, p. 55), pois a solidão, para ela, significa estar vazia.

Analisando o papel do espaço geográfico no retorno de Ponciá, este permeia não apenas sua relação familiar, como também sua relação com a comunidade na qual cresceu. No trecho “As crianças, os jovens, as mulheres, os homens, as velhas, imagens de um passado, se presentificavam aos olhos de Ponciá Vicêncio, à medida que a moça caminhava. Ela não tinha percebido que vinha padecendo de uma saudade, que era de muito e muito tempo.” (Evaristo, 2017, p. 52), a personagem atrela essa comunidade, presente em seu passado, à saudade, precisando voltar ao espaço geográfico onde crescera para notar a falta que fizeram. No trecho, a personagem padece de uma saudade longínqua, possivelmente desde que esteve afastada destes, sendo revisitados apenas através da memória. A revisitação ao local, no entanto, apesar de aproximá-la das imagens do passado, não revive este, pois há vazios, preenchidos por perdas, que não tornam possível reviver, sem seus familiares, a

comunidade que possuía quando criança. Nesse sentido, aproxima-se do terceiro abismo ao constituir a revisitação da imagem de tudo que foi abandonado e só pode ser acessado através da memória, que com o tempo se desgasta. A partir disso, conforme o trecho “Tinha os sentimentos confusos. Não queria ir, não queria ficar. Ia, a sua casa estava vazia dos vivos e dos mortos.” (p. 55), Ponciá volta para a cidade, pois, com sua casa vazia, não havia local que significasse lar para voltar, configurando mais uma perda e esvaziamento em seu interior.

Por último, com a perda de seus familiares e lar, o vazio figura-se na perda de sentido dos sonhos pelos quais saíra do povoado. A partir do trecho “Para Ponciá, a cidade lhe parecia agora sem graça e a vida seguia sem qualquer motivo. Trabalhara, conseguira juntar algum dinheiro com o qual pudera comprar uma casinha, mas faltavam-lhe os seus.”(Evaristo, 2017, p. 64), a migração de Ponciá perde seu motivo principal, a conquista de uma casa para tirar a própria família das condições degradantes vividas nas terras dos Vicêncio. Havia conquistado a casa em questão, mas chegara à conclusão: “Mas, para que uma casa agora? Viveria sozinha.” (Evaristo, 2017, p. 41) Assim, a solidão permeia a frustração pela não concretização do sonho, criando o vazio a partir de uma tripla perda, da família, dos sonhos idealizados e do lar, o que provoca também uma última perda, a de si mesma, através do desvanecimento destes pilares que compõem sua identidade enquanto indivíduo. Essa nulidade da identidade a partir da ausência faz com que aproxime-se do terceiro abismo, o afastamento da própria origem pela ausência daquilo que constitui sua identidade, o que tem como consequência um processo de desconstrução colonial do indivíduo ao afastá-lo. Esse desvanecimento a faz ainda perder o rumo que antes seguia, agora restando apenas dúvidas, por não saber qual seu lugar no mundo, afinal “O que fazer agora? Perdera o elo com os vivos e com os mortos seus. O que valia agora o barraco? Quem ela levaria ali para dentro?” (Evaristo, 2017, p. 64)

c. O gênero e os vazios

Em contraponto à satisfação que possuía enquanto criança por si, por ser menina, antes de guardar muitas tristezas no peito (Evaristo, 2017, p. 19), na vida adulta, Ponciá entra em inconformidade com a própria identidade, o que permeia sua experiência de vida enquanto mulher negra e o acúmulo de tristezas que gera o vazio em seu interior. Essa satisfação, reforçada no trecho “Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria.” (Evaristo, 2017, p. 13), atrela necessariamente o gênero à sua identidade, de maneira que este, assim como a racialidade, conduzirá as experiências a serem

vividas, não apenas enquanto mulher e não apenas enquanto negra, mas enquanto mulher negra, pois o sexismo a atravessa produzindo vazios, assim como o racismo, não havendo entre ambos uma separação. Acerca disso, Grada Kilomba aponta que “Raça” não pode ser separada do gênero nem o gênero pode ser separado da “raça”. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de raça e na experiência do racismo.” (2019, p. 80) Dessa maneira, é possível ver os impactos da conjunção raça e gênero na construção do vazio interior de Ponciá em sua convivência violenta com o marido e no que está relacionado às percepções sociais de papéis de gênero.

“Ao ver a mulher tão alheia teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele.” (Evaristo, 2017, p. 19)

A partir do trecho “Um dia também ela teria um homem que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também.”(Evaristo, 2017, p. 25), é possível produzir um paralelo entre a expectativa sonhada por Ponciá quando ainda “gostava de ser mulher” (Evaristo, 2017, p. 24) durante a infância e a realidade vivida na fase adulta. Nessa realidade, a convivência entre Ponciá Vicêncio e o marido, muito impactada pela dinâmica social e racial, é caracterizada pela violência doméstica. Aqui, a violência contra a mulher emerge reforçada pelos papéis de gênero, pois trata-se de uma relação desigual de poder e força dentro do próprio lar, que permeia os papéis induzidos socialmente à mulher e ao homem. A ação da mulher ao levantar-se e ir preparar a janta após a agressão física sofrida (Evaristo, 2017, p. 19) fala de uma resposta referente à expectativa do marido em relação ao que é considerado o papel da mulher. Assim, Ponciá torna-se vulnerável à violência pelo gênero no ambiente doméstico, não tendo importância, até então, a subjetividade de seu estado psíquico, resultante do racismo, para o homem que convive consigo.

Essa não consideração da condição psíquica subjetiva de Ponciá também pode ser vista através do viés da relação gênero e raça. A partir de Fanon, “A mulher negra não sendo nem branca nem homem, neste esquema colonial representa então uma dupla ausência que a torna absolutamente inexistente. Pois ela serve como a outra de outrxs, sem status suficiente para a Outridade.” (2020, p. 16). Dessa forma, a experiência de Ponciá acerca do esvair da memória, deslocando-se do tempo presente, é tornada ausente pelo outro, pois esta não é considerada. Ao não ver motivação para a vagariedade e a ausência da mulher no tempo

presente, o desejo do marido é “trazê-la ao mundo à força” (Evaristo, 2017, p. 19), sendo a violência sua resposta ao não compreender as atitudes de Ponciá, por não considerar sua subjetividade. Ao não considerar essa vivência psíquica, a visão do homem não cogita a experiência de uma vivência diferente, o que o levaria a reconhecer a outridade. O não considerá-la, neste caso, anula parte do que constitui sua identidade. Essa ausência na outridade, que ocorre com Ponciá no ambiente doméstico e resulta na violência, impacta a personagem, gerando um vazio que desconstrói sua identidade a partir do ataque do mundo, exterior a si. Assim, aproximamo-nos da face do terceiro abismo, ao tratar do desvanecer da experiência e identidade individual, anulando parte de si.

Essa anulação produzida duplamente pelo racismo e pelo sexismo aprofunda a inconformidade de Ponciá, tanto com a própria identidade, quanto com a realidade, construindo o vazio. No trecho “Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem.”(Evaristo, 2017, p. 19), há uma demonstração dessa inconformidade por querer não apenas sair dali como possuir outro gênero, buscando formas de escapar dessa violenta realidade. Há implícito aqui o desgosto que passa a ter por ser mulher e pela vida que possui, o que vai ser reforçado em “Olhou para ele que havia se assentado na cama imunda e se sentiu mais ainda desgostosa da vida. O que ela estava fazendo ao lado daquele homem?” (Evaristo, 2017, 22) Nesse contexto, a inconformidade produz mais um dos vazios no interior de Ponciá, não tratando-se apenas da própria realidade, mas também de como isso está atrelado a sua identidade. A realidade violenta, racista e sexista, preenche seu cotidiano, assim como preenche seu nome, de maneira que torna-se imperceptível para a personagem o que resta de si ao tornar ausente aquilo que constitui sua vivência, pois esta é a única que conhece. Neste caso, a inconformidade expõe o vazio, pois esta torna perceptível a ausência causada pela impossibilidade de uma vivência diferente, que é roubada por essas violências, o que está mais uma vez atrelado ao terceiro abismo, ao produzir o afastamento psicológico entre o indivíduo e aquilo que constitui sua identidade. Por fim, é a partir desse afastamento que se dará o vazio.

Em concordância a isso, é possível analisar o trecho “Ponciá Vicêncio deitou na cama imunda ao lado do homem e de barriga para cima ficou com o olhar encontrando o nada.” (Evaristo, 2017, p.29) a partir da composição visual da cena, identificando a figuração do vazio. A “cama imunda” e “ao lado do homem” apontam os desconfortos abordados que culminam na proximidade com a experiência traumática do terceiro abismo, conectando dois elementos que unidos apresentam a realidade doméstica de Ponciá, o ambiente e o homem que a agride, que a anulam ao mesmo tempo que a inconformam. Apesar dessa

inconformidade, a composição de deitar-se na cama induz a ideia de que Ponciá segue nessa realidade, sem sair da mesma. Essa aparente apatia demonstra uma paralisia infligida pelo peso do acúmulo de vazios que já a acompanha, tirando de si parte de sua identidade e, com ela, os sonhos que antes a moviam, isso de maneira tão violenta que é impossível para a mesma até explicar de onde vem essa usurpação, conforme pode ser visto no trecho “Ia criar coragem de mudar tudo. Hoje, agora! Mas, quando dava por si, nem ela mesma sabia explicar. Encontrava-se quieta, sentada no seu cantinho, olhando pela janela o tempo lá fora, enquanto ia e vinha no tempo cá dentro do seu recordar.” (Evaristo, 2017, p. 48). Por fim, neste cenário de paralisia entre violências cotidianas que a inconformam e flagelam suas subjetividade, o olhar da personagem encontra o “nada”, como uma forma de fuga dessa realidade. Esse direcionamento do olhar de Ponciá pode ainda ser pontuado em paralelo com a primeira figuração do vazio, que ocorre quando, ainda menina, o vê na mulher transparente. Ponciá, que “gostava de olhar o vazio” (Evaristo, 2017, p.27), percebe-o, assim, mais uma vez presente no nada em que abriga-se para escapar da própria realidade.

“Lembrou-se também de que, quando era pequena, vivia sonhando com o dia em que, grande, teria um homem e filhos. Lá estava ela agora com seu homem, sem filhos e sem ter encontrado um modo de ser feliz. Talvez o erro nem fosse dele, fosse dela, somente dela.” (Evaristo, 2017, p.47)

O vazio já aparentado no interior de Ponciá Vicêncio apenas se agrava com as partidas e ausências causadas pela perda de todos os seus filhos. No trecho “Lembrou-se dos sete filhos que tivera, todos mortos. Alguns viveram por um dia. Ela não sabia bem por que eles haviam morrido.” (Evaristo, 2017, p. 46), Ponciá rememora essas perdas em um de seus episódios de alheamento, culminando já num apartar-se de si mesma que aproxima a experiência de perda do vazio que sente, também construindo-o. Nesse cenário, a perda não configura-se unicamente como a partida dos filhos, mas também como a partida dos sonhos e expectativas criados durante a infância, frustrados em uma realidade dolorosa que acumula ainda mais tristezas em seu interior ao ser revivida sete vezes, conforme o trecho “Depois dos sete, ela nunca mais engravidou. (...) Ponciá já andava meio desolada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançosa de ver se salvar o filho.” (Evaristo, 2017, p. 46). A tristeza, atribuída aqui à perda de esperança na maternidade, está intimamente relacionada aos papéis de gênero, tratando-se de uma experiência singular, que será concebida nessas subjetividades necessariamente apenas por mulheres. Assim, mais uma vez o papel de gênero se faz presente ao culpar-se ainda pela própria realidade familiar, “com seu homem, sem

filhos e sem ter encontrado um modo de ser feliz” (Evaristo, 2017, p.47). Ao idealizar que “Talvez o erro nem fosse dele, fosse dela, somente dela.” (Evaristo, 2017, p.47), Ponciá soma a culpa ao montante de tristeza e partidas que o cenário abrange, aprofundando um vazio que a aproxima de uma grande ausência.

“Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava a desejar mesmo que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos.” (Evaristo, 2017, p. 70)

Por fim, esse vazio é agravado pela frustração e incerteza ao refletir se valeria à pena trazer filhos ao mundo, para conviverem com os sofrimentos e violências que esta suportou. Ao considerar as violências e cenários aos quais foi submetida, pela pobreza, sexismo e racismo, perpetuadas através das gerações, nasce a incerteza se há fim para estes sofrimentos. Ponciá demonstra essa percepção ao considerar que “Foi bom os filhos terem morrido. Nascer, crescer e viver para quê?” (Evaristo, 2017, p. 71), não vendo motivo para o ciclo da vida em meio a tanto sofrimento incontável. Esse entendimento também pode ser considerado presente na herança de Vô Vicêncio, cujas percepções aproximam-se das da neta a partir da perda dos filhos, no caso de Vô Vicêncio através da venda como escravizados, acerca da incerteza do fim para este ciclo contínuo de horrores. O pânico gerado por essa incerteza tem, em ambos os casos, origem na experiência traumática do segundo abismo, compartilhado por avô e neta através do contínuo-descontínuo, acarretando o vazio ao construir como violência simbólica a percepção de não possuir o direito de ter filhos para não propagar a continuidade dos horrores vividos. Esse cenário aproximado retoma o compartilhamento de uma consciência e entendimento da conjuntura social que os leva às mesmas conclusões, preferir a morte à continuidade dos horrores da escravidão, seja a própria ou a dos seus.

4. O vazio e o adoecimento psíquico

“Conseguira? Será que conseguira ir além? Ou estaria reduzido, pequeno, mesquinhos, em um barraco qualquer, feito ela? Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio.” (Evaristo, 2017, p. 24)

A construção do grande vazio na história ocorre a partir de dois principais pilares: o acúmulo de vazios e o “apartar-se de si.” No trecho acima, Ponciá Vicêncio evidencia o que, em sua realidade, faz “tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio” (Evaristo, 2017, p. 24) em seu interior. A personagem revela as percepções que tem de si mesma no uso dos

adjetivos “reduzido”, “pequeno” e “mesquinho”, percepções essas que emergem a partir da frustração dos sonhos de outrora, demolidos entre as perdas e as violências sofridas pela personagem desde nova até à vivência na cidade, perdas essas que instalam a presença dos vazios em seu interior. Nesse sentido, o “apartar-se de si” se faz presente, a partir da nulidade do indivíduo. Ponciá sente-se da forma representada pelos adjetivos pois a violência das perdas e ausências sofridas abalam suas subjetividades enquanto indivíduo, através dos vazios que já a integram. Assim, acumula vazios que espalharam-se em sua trajetória feito erva daninha, resultando no “apartar-se de si” que está atrelado à vivência do grande vazio.

“Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que tinha acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou lembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia, apenas, que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo, com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia os movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si.”(Evaristo, 2017, p.40)

No posfácio da obra, a professora Maria José Barbosa aponta não apenas os grandes abalos emocionais e perdas, mas também os fatores sociais, “extrema pobreza, desamparo e injustiças sociais” (Evaristo, 2017, p. 113), como causadores do “apartar-se de si” que vem a ocorrer com a personagem. O “apartar-se de si”, nesse viés, é oriundo da ocorrência de uma ausência súbita da personagem no tempo comum, presente, e presença no passado através da memória, a essa ausência daremos o nome de o grande vazio. Conforme o trecho acima, este súbito forma “uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo, com o qual ela se confundia.” (Evaristo, 2017, p.40), apresentando o entrelugar no qual o grande vazio é figurado, através da composição semântica das palavras “fenda” e “vácuo”, dentro e fora da personagem. Essa apresentação interna e externa do grande vazio destaca ainda a natureza de sua relação com Ponciá. O grande vazio está em seu interior, pois é construído através dos abalos emocionais e psicológicos internos que configuram os vazios, além de a deslocar através da memória, intrínseco a sua psique, mantendo-o ainda no campo interior. No entanto, conforme o trecho: “A cabeça tonteou. Sentou-se rápido num banquinho de madeira. Veio então a profunda ausência, o profundo apartar-se de si mesma.”(Evaristo, 2017, p. 43), habita também o externo, pois há a representação da saída de Ponciá de si mesma para habitar o passado através do lembrar, provocando uma ausência que é avistada em suas atitudes ao ser acometida por este súbito “apartar de si”, como ficar tonta com o impacto e encarar

constantemente o nada, conforme ocorre no trecho: “Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada.” (Evaristo, 2017, p. 18) Assim, a apresentação interna e externa do grande vazio se concretiza e Ponciá passa a habitá-lo, através da frequência, e torna-se ele, através da nulidade do indivíduo.

A ausência de Ponciá Vicêncio no tempo presente caracteriza não apenas o seu afastamento do instante vivido, como também a revivescência do tempo passado através da memória. Durante seus episódios de ausência empreendidos no grande vazio, a personagem usa o recordar como caminho, percorrendo-o até o passado através das lembranças. Nesse sentido, no trecho “Na noite em que aconteceu o regresso, Ponciá Vicêncio não dormiu. Viveu o tempo em que era tomada pela ausência e, quando retornou a si, ficou apenas deitada escutando.” (Evaristo, 2017, p. 49), a personagem vive, durante a noite, o tempo passado, através das lembranças. Dessa forma, desloca-se para o tempo pretérito de maneira tão vívida que não apenas afasta-se do presente, estranha-o, conforme o trecho: “A caneca estava no lugar, em cima do fogão, vazia. Assustou-se. Durante a noite ela vivera a certeza de que a casa estava habitada e cheia de vida” (Evaristo, 2017, P. 50) Esse deslocamento configura o grande vazio que se dá a partir do “apartar-se de si” em episódios de afastamento do tempo presente e de si mesma para um tempo de outrora, de maneira que vive, através da memória, o tempo passado, sendo repetidamente arrancada deste pelo tempo presente. No texto, isso é apresentado como a “ida e vinda dela no tempo.” (Evaristo, 2017, p. 22)

Nesse sentido, ao relembrar o passado através da frequência do grande vazio, este passa a integrar Ponciá, estabelecendo uma relação direta com a personagem através do tempo. Essa integração do vazio com o indivíduo pode ser vista na escolha vocabular que caracteriza a personagem. Nos trechos “Ponciá Vicêncio interrompeu os pensamentos-lembrança, levantou endireitando as costas que ardiam pelo soco recebido do homem e foi vagarosamente arrumar a comida.” (Evaristo, 2017, p. 22) e “O grito do homem reclamando da lardeza de Ponciá fez com que, mais uma vez, ela interrompesse as lembranças.” (Evaristo, 2017, p. 22), os vocábulos “vagarosamente” e “lardeza” caracterizam o modo como agia e nomeiam características de Ponciá, ambos atribuindo o sentido de um desacelerar que é reflexo do ocorrido com o tempo. Ambas as caracterizações permeiam ocorrências do grande apartamento de si, a migração para um tempo que não é atual, mas sim passado, estando atreladas também à pausa em que Ponciá se localiza no tempo. Para o ir e vir da personagem-título no grande vazio, há uma desaceleração do tempo presente para si, quase como uma pausa, pois ela também assim se sente nele, em suspenso. Dessa maneira, a

vagarosidade como característica estabelece uma relação entre Ponciá e o tempo, figurando um não acompanhar do tempo presente, estando esta deslocada dele.

Com a frequência de Ponciá no tempo passado, aproxima-se desta a face do terceiro abismo de Glissant (2021), que se configura a partir do inconsciente, sendo este o abismo em si. Nele, Ponciá rememora repetidamente a imagem do que foi deixado para trás e só pode ser acessado pelo imaginário, agravando a nulidade do indivíduo, por ser uma memória que se desgasta, e a distância do passado vivido com os seus, sua origem, o que também constitui sua identidade. Essa nulidade, atribuída a um dos vazios no interior da personagem, faz com que precise ainda mais desesperadamente recorrer à memória para tentar reparar os vazios construídos em seu interior, mesmo que para isso recorra à frequência do grande vazio. Assim, conforme o trecho “Bebia os detalhes remendando cuidadosamente o tecido roto de um passado, como alguém que precisasse recuperar a primeira veste, para nunca mais se sentir desesperadamente nua.” (Evaristo, 2017, p. 55), Ponciá busca o passado para tentar curar os vazios deixados pelas perdas e ausências vividos, de maneira que o grande vazio entrelaça-se à vivência do terceiro abismo, compartilhada entre Vô Vicêncio e Ponciá através da herança.

É na revivescência do terceiro abismo, através do contínuo-descontínuo, no grande vazio, que as histórias de ambos se entrelaçam mais uma vez cumprindo a herança, mesmo que com contrastes. Na narrativa de Vô Vicêncio, o movimento de relembrar o passado, em seu encontro com o terceiro abismo, o sorveria até a morte, pela natureza dolorosa dos fatos, concretizando o esvair da memória como forma de sobrevivência. Já para Ponciá Vicêncio, a relação com o relembrar é divergente, configurando essa frequência do passado como via de saudade e busca por suprir o vazio da ausência em seu interior, sendo esta a única maneira de aproximar-se do que foi deixado para trás. Assim, a frequência do abismo da memória, na busca por suprir os vazios construídos em seu interior, agrava ainda o grande vazio, ao tirá-la com ainda maior frequência do tempo presente para viver o tempo passado através da recordar, visto que “gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar.” (Evaristo, 2017, p. 18) Dessa forma, ao aumentar a frequência da frequência do abismo que agrava esse grande vazio, sendo esta a única via de acesso ao passado que tanto sente falta, trazer o fato à memória fere à Ponciá, assim como Vô Vicêncio, sorvendo a morte, nesse caso, psíquica.

Nesse ínterim, é possível traçar um paralelo entre o grande vazio e o adoecimento psíquico da personagem. Em *A cor do inconsciente* (2021), Isildinha Baptista Nogueira realiza que os efeitos do racismo ultrapassam o eixo social, no qual se manifestam com maior concretude e visibilidade, propondo que os fenômenos que partem dessa raiz afetam o negro

também no plano psicológico. Essa idealização de que o plano social afeta o plano psíquico apoia a vivência de Ponciá, que, a partir do acúmulo de violências e perdas que constroem os vazios em seu interior, passa a apresentar um quadro de adoecimento interno, caracterizado pelo grande vazio. Portanto, o adoecimento psíquico de Ponciá, enquanto pessoa afetada pelo social, está entrelaçado ao grande vazio, pois é a partir da frequência deste que os sintomas se manifestam.

Sendo esta uma realidade compartilhada entre avô e neta através da herança, há ainda um atravessamento entre o agravar do grande vazio e a consciência e clareza dos personagens acerca da dimensão social que os afeta. No trecho “Diziam que ela parecia muito com ele em tudo, até no modo de olhar. Diziam que ela, assim como ele, gostava de olhar o vazio. Ponciá Vicêncio não respondia, mas sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio.” (Evaristo, 2017, p. 27), é possível relacionar este “tudo” visto por Ponciá como um ir além, percebia além do que a maioria das pessoas percebia do mundo, incluindo o próprio vazio e a própria realidade social, o mesmo que ocorre com Vô Vicêncio, relacionado à esta prática no fragmento do texto. Além disso, o paralelo entre os vocábulos “tudo” e “vazio”, criado pela construção “Ela via tudo, via o próprio vazio”, estrutura uma relação que proporciona não apenas o contraste semiótico, como também a significação do “tudo” como o todo, ao qual é possível atribuir o sentido social. O olhar de Ponciá para o todo permeia a percepção social ampliada que a acompanha, assim como ao avô, a qual está atrelada, neste trecho, ao vazio. Dessa maneira, através da estrutura utilizada nessa construção, a relação entre o “tudo” e o “vazio” entra em evidência, pois Ponciá via ambos, relacionando, assim, o vazio à lucidez social que os acompanha.

É através dessa lucidez que Ponciá, assim como Vô Vicêncio, compreende o impacto das condições do período escravagista, que perpetuam até os dias atuais, pois, conforme Isildinha Baptista, “libertos do cativo, mas jamais libertos da condição de escravizados de um estigma, os negros têm sofrido toda sorte de discriminação, que tem como base a ideia de serem os negros seres inferiores, portanto, não merecedores de possibilidades sociais iguais.” (2021, p. 25) Essa percepção é afluída no interior de Ponciá. No trecho “Crescera na pobreza. Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida.” (Evaristo, 2017, p. 70) demonstra essa lucidez ao pensar a desigualdade social a partir da perspectiva racial, resultado da exploração de povos negros escravizados que se repete. A partir de “A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia.

Escrava do desespero, da falta de esperança” (Evaristo, 2017, p. 72), a compreensão de Ponciá toma formas que remetem ao segundo abismo, ao idealizar que os horrores da escravidão permanecem até a atualidade, sem a certeza de que há um fim para tal, gerando o pânico, o desespero e a falta de esperança. Essa consciência atrela ainda à estes desesperos a “revolta suicida” (Evaristo, 2017, p. 70), conforme ocorre nas narrativas escravistas e coloniais, nas quais, segundo Grada Kilomba (2020, p. 159), “há um grande número de relatos que ligam o suicídio ao impacto do racismo”. Assim, compreende-se esta forma de revolta como consequência dessas violências que produzem os vazios no interior daqueles que são afetados por elas, como Vô Vicêncio e Ponciá, atrelando a percepção deste cenário social ao campo psicológico do indivíduo, confirmando a percepção de Isildinha Baptista (2021, p. 27), que aponta que “o negro pode ser consciente de sua condição e das implicações histórico-políticas do racismo, mas isso não impede que ele seja afetado pelas marcas que a realidade sociocultural do racismo deixou inscritas em sua psique.”

Neste cenário, a falta de esperança e o desespero gerados pela consciência desta realidade, que aproxima-se dos horrores do segundo abismo, consequenciam a falta de anseio de Ponciá pela vida, resultando mais uma vez no grande vazio. No trecho “Ponciá Vicêncio não queria mais nada com a vida que lhe era apresentada. Ficava olhando sempre um lugar de outras vivências.” (Evaristo, 2017, p. 77), é apontado o enfraquecimento do desejo de viver da personagem, não vendo motivos para dar sequência nesta vivência que tanto a mutila, percepção agravada por sua compreensão social ampliada. Dessa forma, caracteriza o trânsito do tempo presente para o tempo passado, pois Ponciá “Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento.” (Evaristo, 2017, 18) Assim, ao não ver sentido na vivência do presente, desloca-se para o passado percorrendo a memória, revivendo, através do relembrar, a vida que passara, intercalando-a com o refletir sobre as condições em que vive no presente, mas não ousando pensar em um futuro, pois este configura-se como incerto ao não saber se há fim para as violências da realidade em que vive, conforme o segundo abismo.

“De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara?” (Evaristo, 2017, p. 71 e 72)

A consequência dessa desilusão torna-se a aproximação do grande vazio, no qual a personagem se abriga para fugir da realidade que a atormenta no instante vivido. Conforme o

trecho “No princípio, quando o vazio ameaçava encher a sua pessoa, ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu.” (Evaristo, 2017, p. 40), Ponciá Vicêncio satisfaz-se ao identificar o grande vazio como uma via de fuga da condição em que vive, o que acarreta a nulidade do indivíduo a partir da tentativa de esquecimento do presente, aproximando-se da conjuntura do terceiro abismo, no que tange ao esvair da memória e anulamento de si. A concretude desse anulamento da identidade do indivíduo, a partir da frequência do grande vazio, é demonstrada ainda em “Quem era ela? Não sabia se dizer. Ficava feliz e ansiosa pelos momentos de sua autoausência.” (Evaristo, 2017, p. 40), impactando sua psique.

Esse impacto no psicológico da personagem-título apresenta uma relação direta com o adoecimento de Vô Vicêncio, apontado pela narrativa como loucura no trecho “Estava louco, chorando e rindo.” (Evaristo, 2017, p. 45), através da herança. Essa aproximação entre o quadro psicológico dos personagens realiza-se não apenas em seus vazios similares, mas também ao manifestar-se de maneira semelhante no externo, em atitudes que refletem seu quadro psíquico. Nesse contexto, a auto ausência de Ponciá, que resulta na nulidade do indivíduo, aflora este vazio enquanto sentimento, que tem como consequência uma das maiores características do adoecimento de Vô Vicêncio, o ato de chorar e rir ao mesmo tempo. O trecho “Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos.” (Evaristo, 2017, p. 18) denuncia esse cenário na correlação entre o sentimento do vazio em sua identidade, ao sentir-se ninguém, e a “vontade de choros e risos”. Essa expressão de emoções contrastantes provoca um estranhamento no leitor, partindo da compreensão da natureza dessas emoções que, ao serem unidas, fogem à regra, caracterizando, assim, o estado psicológico dos personagens, que afasta-se do típico. Ao descrever a “vontade de choros e risos” (Evaristo, 2017, p. 18), esta é caracterizada pelo trecho “Às vezes era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças, que lágrimas corriam sobre o seu rosto, outras vezes eram tão doces, tão amenas recordações, que de seus lábios surgiam sorrisos e risos” (Evaristo, 2017, 79), conectando essa vontade ao recordar realizado no grande vazio e, portanto, também atribuindo-a ao seu adoecimento psíquico.

“Nos dias em que ficou no povoado, à espera do trem, por várias vezes sentiu o vazio, a ausência de si própria. Caía meio morta, desfalecida, vivendo, porém, o mundo ao redor, mas não se situando, não se sentindo. As pessoas não se assustavam com o desfalecimento de Ponciá. Ela ia e vinha de suas ausências, nenhum pavor, nenhuma estranheza dos outros ela percebia” (Evaristo, 2017, p. 55)

Na narração do retorno de Ponciá ao povoado no qual vivera durante a infância, reside um contraste entre o estranhamento provocado no leitor pela construção “vontade de choros e risos”, expressão de seu estado mental, e a não estranheza das pessoas do povoado à essas expressões. O trecho acima descreve de maneira direta a manifestação externa e interna da ausência de Ponciá no tempo presente, caracterizando o seu “apartar-se de si”, assim como a reação das pessoas ao seu desfalecimento. Ao apontar que não há por parte destes nenhum pavor ou estranheza com os episódios de ausência temporal da personagem, há uma aproximação implícita entre as expressões físicas do adoecimento psíquico de Ponciá e de Vô Vicêncio. Estes, que com o patriarca conviveram, reconhecem a manifestação do adoecimento por terem o presenciado anteriormente com o avô de Ponciá, indicando ainda a realização da herança que segue a personagem durante toda a história, desde que “era bem pequena, menina de colo ainda, e ouvira os parentes dizer que o avô tinha deixado uma herança para ela.” (Evaristo, 2017, p. 50)

“Ele sentia saudades da outra Ponciá Vicêncio, aquela que ele conhecera um dia. E se perguntava, sem entender, o que estava acontecendo com sua mulher. Ela que, antes, era feito uma formiga laboriosa resolvendo tudo. Ela que muitas vezes saía junto com ele na labuta diária do fogão da limpeza e das trouxas de roupa na casa das patroas. O que estava acontecendo com Ponciá Vicêncio?” (Evaristo, 2017, p. 47)

Com a concretização da herança, o adoecimento psíquico de Ponciá, como resultado do grande vazio, é evidenciado ainda pela diferenciação na postura comportamental adotada pela personagem antes e após ser acometida por este. Em sua conturbada e violenta convivência doméstica, o marido de Ponciá percebe essa diferença após a concretização do adoecimento, conforme o descrito no trecho acima, sem compreender o que havia acarretado a mudança. Nesse viés, descreve Ponciá Vicêncio como “uma formiga laboriosa”, por sua natureza esforçada e trabalhadora, a qual contrasta diretamente com sua vivência atual. Após a frequência do grande vazio, caracterizado pelo apartar-se de si, a descrição de Ponciá surge mais uma vez ao citar que é “Impossível tanta lerdeza e inanição em quem era tão ativa.” (Evaristo, 2017, p. 82), estando a lerdeza e a inanição em um oposto direto à natureza ativa, trabalhadora e esforçada, que caracteriza o passado de Ponciá, anterior ao adoecimento. Essa vagarosidade, além de relacionar a personagem ao desacelerar do tempo que se desloca, conforme destrinchado anteriormente, está atribuída a falta de asseio que a personagem-título passa a sentir pela vida. No grande vazio, a personagem perde o otimismo e a esperança em promessas de uma possível melhoria de vida e fim dos vazios, reforçando ainda a perda da

vontade de viver naquele tempo, que passa a caracterizar também a perda de vontade de viver por si só.

“acabou esquecendo o grande propósito, com o qual levantara naquela manhã. Tinha decidido firmemente deixar o pensar de lado e ir à luta, dar um jeito na vida. Mas nem se deu conta, nem percebeu o momento exato em que se assentou ali, antes mesmo do primeiro gole de café, e começou a buscar na memória das coisas, os fatos idos.” (Evaristo, 2017, p. 53)

O cenário psicológico da personagem é ainda agravado a partir da frequência do grande vazio como fuga. O fragmento do texto “Toda noite ela contemplava o desleixo da casa, a falta de asseio que lhe incomodava tanto, mas faltava-lhe coragem para mudar aquela ambiência. Fechou os olhos e relembrou da casinha de chão de barro batido de sua infância.” (Evaristo, 2017, p. 23) apresenta o incômodo ainda recorrente de Ponciá com sua realidade, neste caso, a casa em que vive, porém não tendo mais forças para tentar mudá-la, usando assim a memória como trajeto de fuga no tempo. Em paralelo, considerando o trecho acima, passa a esquecer-se de seus propósitos, que incluem voltar a si, caracterizando o incômodo com a nulidade sofrida, e, sem perceber, por tratar-se de uma prática recorrente, retorna ao tempo passado através da memória, indicando um agravamento em seu quadro psíquico, passando a ter a frequência do grande vazio, e consequentemente a ausência do tempo presente, como habitual, mesmo ao não ansiar por isso.

Neste cenário, realiza-se, por fim, o caráter de adoecimento ao estado psíquico de Ponciá Vicêncio. Na obra, o marido de Ponciá passa “a achar que a mulher estava ficando doente.” (Evaristo, 2017, 82) e pontua a diferenciação entre Ponciá no passado, já sendo acometida pelo “apartar-se de si”, mas que, ao retornar, segue ativa e conectada ao tempo presente, e no presente, cujas ausências tornam-se mais frequentes e duradouras, mantendo-na fora de si por mais tempo que o habitual. Essa diferenciação delineia a piora no estado psicológico de Ponciá, que faz com que haja uma aproximação entre seus sintomas e os indícios de uma enfermidade, não somática, mas psíquica, chegando a conclusão de que “Não, ela não ficava assim longe, assim lerda por preguiça. Estava doente, muito doente.” (Evaristo, 2017, p. 92). A partir da certeza do adoecimento da personagem, à este é atribuída a esfera psicológica, apontando que “Os vizinhos aconselhavam a colocá-la no hospício. Ele não queria, embora muitas vezes pensasse que ela estivesse mesmo doente.” (Evaristo, 2017, 104), atrelando, assim, o adoecimento à psique ao citar o hospício como forma de tratamento, termo historicamente atribuído à centros de tratamento de enfermos, em especial aqueles que sofrem de transtornos psicológicos, concretizando a ideia de adoecimento psíquico.

5. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, buscamos compreender o vazio na obra Ponciá Vicêncio (2017), figura que permeia a vida e trajetória de Ponciá e sua relação com a identidade e psique da personagem. Este, que está atrelado às vivências violentas que o racismo propõe, ocasionando perdas e ausências, expõe-se na obra em uma natureza subjetiva que conecta-o diretamente à estrutura social de violências perpetuadas pelo racismo, consequência do período escravista. Dessa maneira, ao analisar essa presença constante na narrativa, tornou-se necessário compreender sua origem, que se dá a partir da perpetuação de estruturas sociais construídas durante o colonialismo e a exploração de corpos negros escravizados.

Desta forma, aproxima-se a origem do vazio ao abismo, conceito cunhado por Glissant (2020), que aborda a experiência do tráfico negreiro como petrificante e aterrorizante, resultando em um pânico coletivo que chega também aos que não vivenciaram a barca diretamente, mas as consequências desta, através do que chama de contínuo-descontínuo (Glissant, 2020). Neste, revivem-se os pânico criados no abismo, o que não tem fim, assim como as consequências da barca e da escravidão, que são perpetuadas através do racismo. A união dos dois, o pânico criado no abismo e o racismo perpetuado a partir das estruturas do período escravagista, transforma-se em uma experiência traumática coletiva e compartilhada. Essa coletividade na experiência traumática atravessa Vô Vicêncio, ascendente de Ponciá, como homem escravizado, assim como à Ponciá Vicêncio, visto que mesmo após a abolição, os antigos escravizados e seus descendentes continuaram compartilhando condições degradantes e similares ao escravismo, sofrendo ainda as consequências da barca através do racismo. Considerando, portanto, a barca como uma experiência traumática contínua, através do racismo, utilizamos-na como ponto de partida, pois é a partir do trauma que o vazio se constrói. Para isso, considerou-se a compreensão do racismo como realidade traumática, que produz efeitos perturbadores ao indivíduo negro, proposta por Grada Kilomba (2020). O trauma surge então como raiz das violências e perdas vividas pela personagem, essas que constroem o vazio como resultado.

Compreendendo o atravessamento do vazio como consequência da experiência traumática do racismo, procurei identificar ainda suas figurações no texto, identificando duas vertentes: o vazio e o grande vazio. Reconheço que o vazio é figurado a partir de construções emocionais únicas que ocorrem em sequência à profundos abalos emocionais, a partir de perdas e faltas: a perda da infância, da comunidade, da identidade, do poder econômico e até mesmo dos filhos, violências ocasionados pelo racismo e que constroem o

vazio no interior de Ponciá Vicêncio. Já o grande vazio, como consequência, se constrói a partir do acúmulo de vazios no interior da personagem, sendo constituído pelos momentos súbitos de ausência de si mesma no tempo presente, para rememorar o passado. Neste, Ponciá recorre à memória para tentar reparar os vazios construídos em seu interior e ausentar-se da própria realidade no tempo presente que tanto a mutila. Essa ausência constante, através da frequência do grande vazio, que afeta o ânimo e a vontade de viver da personagem, configura o adoecimento psíquico de Ponciá. Para explorar essa compreensão, considerou-se ainda as contribuições de Isildinha Baptista Nogueira (2021), que defende que os efeitos do racismo ultrapassam o social e se manifestam também no psicológico do indivíduo negro.

Assim, o adoecimento psíquico de Ponciá, enquanto mulher negra afetada pelo social, entrelaça-se ao grande vazio, pois é a partir da frequência deste que os sintomas do adoecimento se manifestam. Empreendendo, portanto, uma relação entre o grande vazio e o adoecimento psíquico da personagem, é possível compreender que este chega até ela também como herança. Herança essa que se dá não apenas pela conexão familiar com Vô Vicêncio, mas pelo compartilhamento do trauma, que se solidifica através de uma dimensão social iniciada no período escravagista que segue até chegar à neta, construindo vazios através da violência das ausências, faltas e perdas, mesmo com a abolição. Como o avô, Ponciá experienciou o acúmulo de ausências e vazios contra si e os seus, consequências ainda da violência da escravidão, o que gera o grande vazio, acarretando seu adoecimento psíquico a partir do peso da consciência da realidade social.

Ao compartilhar a experiência do vazio através da literatura, Conceição Evaristo flui em sua escrita um choro compartilhado há muito engasgado, em um processo de cura da experiência traumática através da escrita literária. Cura esta que perpassa o pensar e repensar as camadas do vazio, compreendendo a natureza coletiva deste sentimento, seja através da herança ou de sua realização nos que vivenciam as consequências da barca. Conforme Grada Kilomba, “Escrever é, nesse sentido, uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente.” (2020, P. 188) Assim, como ocorre com Ponciá, que “elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais” (Evaristo, 2017, P. 111), a obra de Evaristo traz a esperança de não perder-se no vazio, a partir de um reencontro com a coletividade.

6. Referências Bibliográficas

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-38. Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf> Acesso em: 17 de dezembro de 2025

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GLISSANT, Édouard. A barca aberta. In: GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. p. 33–39.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26–46.

PINHEIRO, Gabriel. “A ficção preenche um vazio”: entrevista com Conceição Evaristo no Fliparacatu. Fliparacatu, 25 ago. 2023. Disponível em: <https://fliparacatu.com.br/a-ficcao-preenche-um-vazio-entrevista-com-conceicao-evaristo-no-fliparacatu-por-gabriel-pinheiro/> Acesso em: 17 de dezembro de 2025